

Panafricanismo e comunismo: entrevista com Hakim Adi

Hakim Adi entrevistado por Selim Nadi¹

Selim Nadi: *Como você definiria o panafricanismo?*

Hakim Adi: O panafricanismo pode ser considerado ao mesmo tempo uma ideologia e um movimento que emergiu das lutas em comum dos afrodescendentes, tanto na África quanto na diáspora africana, contra a escravatura, o domínio colonial, assim como contra o racismo antiafricano e as diversas formas de eurocentrismo que os acompanham. Os termos “panafricano” e “panafricanismo” não surgiram antes do final do século 19 e início do século 20, mas uma forma embrionária de panafricanismo já estava em evidência no século 18 nas organizações abolicionistas, tais como os *Sons of Africa* na Grã-Bretanha, dirigidas por antigos escravos africanos como Olaudah Equiano e Ottobah Cugoano, que reconheciam a necessidade de que tinham os africanos de se unir para defender interesses comuns.

O panafricanismo assumiu diferentes formas em diferentes épocas, mas sua característica chave é o reconhecimento de que os africanos, tanto os do continente como os da diáspora, por terem que enfrentar formas comuns de opressão, estão comprometidos com uma luta comum pela libertação e partilham, assim, um destino comum.

¹ [Nota do tradutor]: Hakim Adi é professor de História da África e da diáspora africana na University of Chichester (Inglaterra). Selim Nadi é doutor em História e membro do comitê editorial da revista QG Décolonial. A entrevista foi originalmente realizada em inglês e publicada em francês na *Revue Période* em janeiro de 2017. Ver: <http://revueperiode.net/panafricanisme-et-communisme-entretien-avec-hakim-adi/> Posteriormente, em março de 2018, a revista *Sauvage* publicou a versão em inglês da entrevista. Ver: <https://salvage.zone/online-exclusive/pan-africanism-and-communism-an-interview-with-hakim-adi/> Para realizar a tradução deste texto para a língua portuguesa, utilizamos as duas versões acima mencionadas. Tradução: Danilo Enrico Martuscelli.

O panafricanismo reconhece, com isso, a necessidade da unidade dos africanos, a fim de se libertarem, mas igualmente o desejo de unidade continental da África. Defende em geral a ideia de que os africanos da diáspora compartilham uma origem comum com os do continente e reconhece que os africanos da diáspora têm o direito de regressar à sua terra natal.

Em *Pan-Africanism and Communism*,² a minha atenção principal não estava voltada para o movimento panafricano da época, dirigido por lideranças como Garvey ou Du Bois. A Comintern tratava criticamente este panafricanismo como essencialmente reformista e incapaz de assegurar a libertação africana. Contudo, a Comintern, sob a influência de comunistas negros, adotou outros aspectos do panafricanismo, especialmente a visão de que os africanos compartilhavam formas comuns de opressão e estavam comprometidos com uma luta comum. Também defendeu a ideia dos Estados Unidos Socialistas da África. É preciso também observar que, no período entre as duas guerras, algumas lideranças panafricanas eram também, tal como George Padmore, membros da Internacional Comunista.

Selim Nadi: *Em que medida a Revolução de Outubro de 1917 impactou a África e a diáspora africana? Por que a Revolução Russa teve tanta influência no Egito e na África do Sul?*

Hakim Adi: A Revolução de Outubro foi provavelmente o maior acontecimento político do século 20, demonstrando pela primeira vez não apenas a possibilidade de os operários se sublevarem com uma revolução, mas igualmente sua capacidade de se empoderar para estabelecer e dar sustentação a uma nova forma de poder de Estado. A Revolução Russa também retirou a Rússia da guerra mundial imperialista, revelou os tratados secretos das grandes potências e as

² [Nota do tradutor]: Referência ao livro: *Pan-africanism and communism: The Communist International, Africa and the Diaspora, 1919-1939*. New Jersey, African World Press, 2013.

relações entre colonialismo, imperialismo e guerra. Ela demonstrou que mesmo aqueles que vivem numa sociedade relativamente atrasada, poderiam emancipar-se. Como esta revolução abalou o mundo e derrubou a ordem capitalocêntrica estabelecida, ela não podia deixar de ter um impacto profundo sobre todos os oprimidos, particularmente sobre aqueles que reconheciam que sua opressão era produto da ordem social existente. Consequentemente, havia a esperança de que o bolchevismo se disseminasse e que a ordem estabelecida fosse derrubada em outras partes do mundo.

O apoio a uma mudança revolucionária era mais evidente entre as seções dos radicais afro-americanos como a *African Blood Brotherhood*, mas é claro que a Revolução Russa suscitou a esperança em muitos, inclusive nos africanos que haviam participado da guerra, como Lamine Senghor na França. Para os oprimidos pelo domínio colonial europeu, a Revolução Russa abriu igualmente novas perspectivas, visto que o império russo comportava nações e nacionalidades oprimidas que eram, agora, capazes de se libertar. A ausência de opressão nacional no que se tornou a União Soviética, causou uma boa impressão em muitos visitantes, inclusive nos afro-americanos Langston Hughes e W.E.B. Du Bois. Após a sua visita à União Soviética, este último declarou em 1926: “se isto é bolchevismo, então eu sou um bolchevique”.

No continente africano, a Revolução de Outubro teve também uma influência significativa, notadamente onde o movimento anticolonial ou a classe operária estavam mais desenvolvidos. No Egito, o movimento anticolonial e os movimentos operários atingiram um novo patamar depois dos acontecimentos revolucionários de 1919. A Revolução de Outubro teve uma influência significativa sobre aqueles que criaram as condições para a fundação do Partido Socialista Egípcio, em 1921, que veio a se tornar o Partido Comunista, em 1922. Na África do Sul, tal como no Egito, os operários estrangeiros desempenharam um papel chave ao introduzirem o marxismo, e as primeiras organizações socialistas eram com frequência compostas principalmente por europeus. Contudo, a força e a militância dos operários africanos criaram as condições para

a fundação de organizações revolucionárias que incluíam todos os trabalhadores, como a *International Socialist League*, fundada em 1915, e os *Industrial Workers of Africa*. Assim, a Revolução de Outubro teve um impacto significativo sobre aqueles que já se organizavam entre os operários sul-africanos, e resultou na fundação do Partido Comunista da África do Sul, em 1921.

Selim Nadi: *Qual foi o papel de Lenin no debate iniciado sobre a “Questão Negra” na Internacional Comunista?*

Hakim Adi: Nos Estados Unidos, a opressão particular enfrentada pelos afrodescendentes e o modo como eles poderiam se libertar desta opressão ficaram conhecidos como a “Questão Negra”. Não é trivial que esta expressão fosse também adotada pela Comintern, não somente para se referir à libertação dos afro-americanos, mas também por conta de sua ligação com a questão da opressão dos africanos na África do Sul, assim como da opressão colonial dos africanos no continente africano e na diáspora africana, inclusive em países como França e Grã-Bretanha. A Comintern começou, então, a ver essa “questão” numa perspectiva panafricana, ou seja, se os africanos enfrentavam problemas comuns, estavam envolvidos numa luta comum, como se seus destinos estivessem de certa forma interligados. Com algumas reservas, a Comintern manteve essa perspectiva até o período de seu VII Congresso, em 1935.

Lenin iniciou a discussão sobre a Questão Negra nos Estados Unidos no II Congresso da Comintern, em 1920, tomando-a como parte de sua preocupação com todas as nações e colônias oprimidas no mundo e em conexão com seu “Esboço inicial das teses sobre as questões nacionais e coloniais”³. Tratava-se aqui de saber como os partidos comunistas poderiam ajudar e apoiar aqueles que lutavam contra o domínio colonial e a opressão nacional, uma vez que Lenin e

³ [Nota do tradutor]: Uma tradução deste texto pode ser encontrada aqui: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1920/07/14.htm>

outros incentivavam uma luta unitária que deveria ser travada pelos operários dos países capitalistas mais desenvolvidos e pelos povos oprimidos, contra o inimigo comum deles: o imperialismo. A análise de Lenin do imperialismo e a experiência da Revolução de Outubro mostraram que uma ruptura revolucionária do sistema imperialista de Estados poderia ocorrer não apenas nos países capitalistas avançados da Europa, mas em qualquer parte onde os elos do imperialismo estivessem mais débeis. Esta análise, assim como o interesse de Lenin pela “Questão Negra na América”, era indício de que, pela primeira vez, os comunistas compreendiam globalmente as lutas dos oprimidos, e a necessidade de organizá-las, como algo tão importante como as lutas da classe operária nos países economicamente desenvolvidos.

Selim Nadi: *Você poderia explicar as críticas feitas contra os Partidos Comunistas francês e britânico durante o V Congresso da Comintern em junho de 1924?*

Hakim Adi: Para que um partido fosse reconhecido enquanto tal e integrasse a Internacional Comunista (IC), ele devia aceitar as 21 condições. Uma dessas condições proclamava o seguinte:

“(...) Uma posição particularmente clara e incisiva sobre a questão das colônias e nações oprimidas deve ser tomada pelos partidos comunistas dos países cujas burguesias possuem colônias e oprimem outras nações. Qualquer Partido que deseja pertencer à Internacional Comunista, tem a obrigação de desmascarar as trapaças de “seus” imperialistas nas colônias; de apoiar, não apenas por palavras, mas por meio de ações, qualquer movimento de emancipação nas colônias; de exigir que seus compatriotas imperialistas se retirem das colônias; de nutrir no coração dos trabalhadores de seus próprios países uma relação verdadeiramente fraterna com a população trabalhadora das colônias e das nações oprimidas; e de fazer propaganda sistemática no seio das tropas de seus próprios países contra qualquer opressão dos povos coloniais”.

Dito de outra maneira, os Partidos Comunistas europeus tinham também a responsabilidade de se envolver com as iniciativas anticoloniais. Ademais, havia uma responsabilidade particular relacionada ao compromisso de solucionar a “Questão Negra”, dado que ela se vinculava à África e ao Caribe, e à agitação dos africanos e caribenhos radicados nas metrópoles, como a Grã-Bretanha e a França. Nessa época, a Internacional Comunista tentava igualmente organizar um “Congresso Mundial do Negro” e esperava que os partidos britânico e francês assumissem também esta responsabilidade. Contudo, esses partidos eram relativamente novos e inexperientes e tinham poucos laços nas colônias ou com as populações de origem colonial que viviam na Europa. Eles tinham com frequência também outras prioridades e preocupações. Assim, esses partidos eram objeto de críticas advindas tanto da Comintern quanto de seus próprios membros, notadamente por sua relutância até mesmo de exigir o fim do domínio colonial, o que mostrava que mesmo entre os comunistas havia aqueles influenciados pelo chauvinismo e pelo racismo produzidos pelo imperialismo. Em certos aspectos, poderíamos dizer que o Partido Comunista Francês estava mais organizado que o Partido Britânico, porque havia organizado a União Intercolonial e ativistas da África, do Caribe e da Indochina e contava com seu próprio comitê de estudos coloniais. Ele também enviou delegados das colônias, como Ho Chi Minh, para o V Congresso da Internacional Comunista. Porém, isso não livrou o PCF das críticas, notadamente de seus próprios delegados ou de outros, que observavam que a “Questão Negra” nem sequer havia sido discutida no congresso do partido.

Selim Nadi: *Você poderia falar sobre a criação da International Trade Union Committee of Negro Workers (ITUCNW)? Em que medida a criação desta entidade estava ligada à “incapacidade dos ‘partidos comunistas ocidentais’ de tratar adequadamente a ‘Questão Negra’”? (William L. Patterson, mencionado no seu livro *Pan-africanism and Communism*, pp. 43-44). Em seu texto “*The Comintern and Black Workers in Britain and France**

1919-37” (publicado em Caroline Bressey e Hakim Adi (orgs.). *Belonging in Europe – The African Diaspora and Work*), você afirmou que até “sua dissolução em 1937, a ITUCNW se queixava constantemente da falta de apoio e de cooperação dos partidos comunistas europeus, sugerindo que muito mais poderia ter sido feito e realizado”. Você poderia explicar este ponto?

Hakim Adi: A Comintern criou também a Internacional Sindical Vermelha (ISV), que era essencialmente uma organização sindical destinada a constituir uma alternativa revolucionária e a combater a influência da Federação Sindical Internacional que, estava, então, sob a direção política da Internacional Socialista (a II Internacional). A ISV também se preocupava com a “Questão Negra”, particularmente com a forma de organizar os trabalhadores negros em países como os Estados Unidos, a África do Sul, mas também a Grã-Bretanha, a França e suas colônias. Sobre isso, a ISV foi igualmente muito crítica do que ela considerava como inatividade dos partidos comunistas, que retardavam o cumprimento deste trabalho. Isso ocorria por várias razões, incluindo ações divisionistas nos partidos americanos e franceses, e uma orientação política inapropriada na África do Sul e na Grã-Bretanha. Tais críticas ampliavam-se e foram particularmente evidentes entre os comunistas afro-americanos. Foi neste contexto que se decidiu, em 1928, fundar a *International Trade Union Committee of Negro Workers* (ITUCNW), que estaria destinada a ajudar os partidos comunistas a cumprirem suas responsabilidades sobre a “Questão Negra”. A ITUCNW era dirigida pelo comunista afro-americano James Ford e permaneceu em vigor até 1937. Esta organização foi criada para auxiliar os partidos comunistas, sob a direção da Internacional Sindical Vermelha e da Internacional Comunista, mas contava com pouquíssimos recursos próprios, ou seja, dependia dos partidos individualmente para implementar as decisões, o que dificultava seu trabalho e limitava sua influência. Ela organizou uma conferência internacional em 1930, publicou informes regularmente em francês e em inglês e estabeleceu laços com trabalhadores na África, no Caribe e na Europa. No entanto, possuía base na Europa e suas atividades eram limitadas tanto pela

falta de pessoal e de recursos quanto por conta da iniciativa limitada contínua dos grandes partidos comunistas europeus, notadamente os da França e da Grã-Bretanha, mas também os da Bélgica e da Holanda, que não conseguiam se organizar efetivamente nas colônias que não contavam com substancial base de europeus.

Selim Nadi: *Quem foi James La Guma? Qual foi seu papel na luta contra o racismo na África do Sul? Do que tratava a “Tese da República Nativa” e por que o Partido Comunista da África do Sul se opunha a ela?*

Hakim Adi: James La Guma (1894-1961) foi um comunista sul-africano e pai do escritor sul-africano, comunista e membro do Congresso Nacional Africano (ANC, na sigla em inglês), Alex La Guma. James era oriundo de Madagascar e da França e foi dirigente operário, um dos primeiros líderes da *Industrial and Commercial Worker’s Union* e membro do ANC. La Guma juntou-se ao Partido Comunista da África do Sul (CPSA, na sigla em inglês) em 1925 e foi escolhido como delegado durante o congresso fundador da *League Against the Imperialism* ocorrido em Bruxelas em 1927. Na sequência deste importante evento, La Guma viajou à Alemanha e à União Soviética onde lhe pediram para que elaborasse um relatório sobre o CPSA. Nessa época, o CPSA ainda lutava para se africanizar e se distanciar de suas origens de organização composta principalmente por trabalhadores europeus. O CPSA estava também debatendo sua orientação política sobre a qual havia igualmente falta de clareza, assim como discutia como combater as divisões que já preexistiam entre os trabalhadores brancos e negros no seio do amplo movimento dos trabalhadores. Ao tomar por base o relatório de La Guma, assim como outras informações, a Comintern interveio nessas discussões. A Comintern declarou que o CPSA devia tornar-se principalmente um partido africano com uma direção majoritariamente negra e que devia organizar-se em torno da luta por uma república negra independente, em outras palavras, a luta principal era a luta pela independência nacional, a fim de que a maioria dos africanos pudesse se emancipar,

e de que os trabalhadores brancos pudessem se engajar nesta luta, que seria precursora de qualquer luta pelo socialismo. Esta orientação anti-imperialista foi defendida por La Guma, mas inicialmente a maioria dos membros do CPSA, que acreditava que a luta pelo socialismo e o papel da classe trabalhadora branca eram chave, opunha-se a isso. A posição da Comintern era muito diferente, por enfatizar a natureza anti-imperialista da luta e apontar que a maioria na África do Sul não era nem operária, nem branca. É evidente que La Guma desempenhou um papel chave durante este período e o CPSA acabou aceitando a orientação política que emergia dos debates entre ele e os dirigentes da Comintern.

Selim Nadi: *De que maneira o Partido Comunista dos Estados Unidos — e especialmente os comunistas afro-americanos — compreendia a Universal Negro Improvement Association (UNIA), de Marcus Garvey?*

Hakim Adi: A UNIA foi fundada inicialmente em 1914, na Jamaica, e depois refundada em Nova Iorque, em 1916. Foi uma época de renascimento político e cultural afro-americano que igualmente levou à criação de outras organizações como a *African Blood Brotherhood* e que culminou naquilo que ficou conhecido como *Harlem Renaissance*, com uma influência maior na África e na diáspora, notadamente nos primórdios dos movimentos *Négritude* e *Internationalisme Noir* na França. A UNIA desenvolveu um programa para a África e para a diáspora que exigia o fim das discriminações e da segregação, assim como a autodeterminação. Esta organização promoveu o orgulho racial, sobretudo o orgulho da África e de sua história, numa época de racismo antiafricano e de eurocentrismo virulentos. A reivindicação mais célebre de Garvey era “África para os africanos daqui e do exterior”, slogan que conferia forte apoio ao projeto de retorno à África, defendido por alguns descendentes da diáspora. Resumindo, a UNIA tinha inicialmente uma orientação anticolonial e opunha-se até à Liga das Nações. Afirmava ter cerca de 4 milhões de membros no início dos anos 1920 e uma publicação que certamente influenciava milhões de

peessoas na África, no Caribe, na América do Norte, na Europa e em outros lugares. A UNIA é geralmente reconhecida como sendo a maior organização panafricana já existente. Alguns comunistas e organizações afro-americanos, como a *African Blood Brotherhood*, mantinham ligações estreitas com a UNIA e reconheciam que ela comportava indivíduos progressistas com os quais eles poderiam cooperar. Embora Garvey tenha reconhecido a importância de Lenin e saudado a fundação da União Soviética, ele manteve-se hostil ao comunismo, e os esforços da *African Blood Brotherhood* e dos comunistas americanos de cooperar com a UNIA foram significativamente mal sucedidos. O Partido Comunista ofereceu apoio quando Garvey foi preso sob falsas acusações de fraude postal, mas, como seu programa se tornou muito menos progressista nos anos de 1920, a Comintern tratava Garvey e a UNIA como “direções traidoras” das massas afro-americanas e de tantas outras, por procurar distraí-las das lutas que seriam capazes de trazer a libertação. No entanto, havia o reconhecimento de que certos elementos do nacionalismo afro-americanos eram importantes. A ideia de um tipo particular de nação afro-americana, que tinha o direito de se autodeterminar, continuava a ser uma componente importante da política comunista nos Estados Unidos, e constituía um elemento chave da chamada “tese do Cinturão Negro” (*Black Belt*, em inglês) que dizia respeito aos direitos da maior parte da população afro-americana nos estados do sul, sustentada sobretudo por Harry Haywood e adotada pela Comintern nos anos de 1930.

Selim Nadi: *Como explicar que o “chauvinismo branco” fosse tão forte no Partido Comunista Cubano (PCC) nos anos de 1930 quando 90% da população era afro-cubana? Quais eram as especificidades do PCC no que se refere à luta contra o racismo?*

Hakim Adi: O termo “chauvinismo branco” era utilizado pela Comintern para descrever as atitudes reticentes em relação à busca de soluções para a “Questão Negra” ou que não a enfrentavam com bastante vigor. Tratava-se, pois, de uma expressão genérica usada para

cobrir uma imensidão de atitudes criticáveis não apenas no PCC, mas também em outros Partidos Comunistas. Inicialmente, a situação em Cuba era a mesma que a da África do Sul, havia apenas poucos afro-cubanos no PCC e, assim, medidas foram tomadas para remediar essa situação, para levantar exatamente a questão dos tipos de opressão que os afro-cubanos enfrentavam, como isso se conectava em termos gerais com a luta de classes em Cuba e com a luta anti-imperialista contra a dominação dos EUA. O percentual de 90% refere-se, na realidade, a uma província, Oriente, onde os afro-cubanos constituíam a maioria e onde o PCC decidiu que a questão do direito à autodeterminação se colocava. A questão de saber se se tratava de uma nação afro-cubana particular, está em aberto, mas o importante aqui é que os comunistas estavam tentando encontrar uma solução para um problema particular e reconheciam que a mesma exigência já havia sido feita pelos afro-cubanos.

Outro problema é que o racismo contra os afro-cubanos estava em evidência no conjunto da sociedade e, assim, se manifestaria desde o princípio também no seio do Partido Comunista, caso medidas não fossem tomadas. No seio do próprio PCC, portanto, tais medidas foram tomadas, houve intensos esforços para recrutar mais membros afro-cubanos e, em meados dos anos de 1930, o PCC já contava com alguns membros afro-cubanos, como Lázaro Peña. E onde havia evidência de “chauvinismo branco”, medidas foram tomadas para combatê-lo, tal como o foram no partido dos Estados Unidos. Em Cuba, estas questões não estavam apenas ligadas aos afro-cubanos, mas também aos trabalhadores imigrantes do Haiti e da Jamaica.

Selim Nadi: *A Comintern tinha interesse pelo Caribe e pela América Latina? Havia alguma especificidade da “Questão Negra” nessas regiões do mundo?*

Hakim Adi: A Comintern considerava importante a revolução em todos os países, incluindo os países da América Latina e do Caribe. Contudo, enquanto a ITCNW era responsável pelo Caribe anglófono e

francófono, à exceção de um período muito inicial, quando o comunista afro-cubano Sandalio Junco se envolveu com isso, ela não tinha nenhuma responsabilidade em relação a Cuba, República Dominicana ou outras regiões da América do Sul. Esta responsabilidade foi confiada à Confederação Sindical Latino-americana. O primeiro passo foi dado e os progressos mais importantes foram feitos no Brasil. É por isso que, em *Pan-Africanism and Communism*, eu não me concentro na América Latina, com exceção de poucos comentários sobre Cuba e Brasil.

Não havia, evidentemente, partidos comunistas nas colônias britânicas e francesas e isso tornava a organização extremamente difícil, embora esforços fossem feitos para organizar aqueles que conduziam os movimentos dos trabalhadores em países como Jamaica, Guiana britânica e Trindade, assim como em Guadalupe. Havia igualmente ligações com comunistas como Andre Alier em Martinica e Jacques Roumain no Haiti, que ficou exilado na França durante alguns anos, antes de sua morte prematura. Além dos contatos diretos no Caribe, a ITUCNW também trabalhava com organizações e indivíduos na França e na Grã-Bretanha. Um trabalho importante foi empreendido e a ITUCNW tinha fortes vínculos com as organizações dos trabalhadores na Guiana britânica e em Trindade em particular. O ponto principal aqui é que a Comintern estava interessada em organizar o mundo todo e isso incluía o Caribe e a América Latina.

Selim Nadi: *Como a ITUCNW conectava a questão colonial na África à ameaça do fascismo e da guerra nos anos de 1930?*

Hakim Adi: O trabalho da ITUCNW na África enfatizava principalmente o desenvolvimento de conexões com o movimento operário nascente, mas também com os movimentos anticoloniais em certas partes de África, especialmente no Oeste e no Sul da África. A ITUCNW fazia isso tão diretamente quando possível através da distribuição de seu jornal *Negro Worker*, mas também por meio de indivíduos e organizações na Grã-Bretanha e na França. O *Negro Worker* era ilegal na maior parte das colônias africanas e era regularmente confiscado

pelas autoridades na África do Sul, portanto, se organizar era extremamente difícil. Em certas ocasiões, iniciativas da ITUCNW eram difundidas por diversas partes de África. Antes de meados dos anos de 1930, a ITUCNW estava interessada em combater o que ela entendia como “nacional-reformismo” — ou seja, o garveyismo — assim como o “social-reformismo”, influenciado pela II Internacional. Sua orientação geral era a de que o domínio colonial devia ser abolido e que isso se faria por meio da organização e das lutas dos operários e das massas populares nas colônias. Ainda que ela reconhecesse que havia diferenças entre as lutas nas diversas colônias, sua política não estava bem desenvolvida, salvo na África do Sul onde ela trabalhava em colaboração estreita com o CPSA. Neste país, contudo, havia problemas engendrados pela direção do CPSA que seguia uma política estreita e sectária, isolando muitas vezes o partido daqueles que ele estava tentando organizar.

A posição da ITUCNW, da ISV e da Comintern era influenciada pela situação mundial e se focava, na África e na diáspora, na invasão da Etiópia pela Itália fascista em 1935. Isto provocou uma ampla condenação mundial e levou a um ressurgimento da luta anti-imperialista na África, no Caribe e em outras partes. O advento do fascismo e o perigo da guerra tinham igualmente levado a Comintern a reavaliar o tratamento que dava à II Internacional e a buscar uma unidade de todas as organizações operárias, assim como uma ampla frente anti-imperialista nas colônias. Isso conduziu igualmente a uma reavaliação da necessidade da ISV, que acabou sendo dissolvida. Esta reavaliação e reorientação da Comintern está fortemente ligada ao seu VII Congresso, de 1935, quando a organização passou a ser liderada por Dimitrov.

Neste período, a ITUCNW estabeleceu uma base legal em Paris e tentou reforçar seus laços com organizações nas colônias do Oeste africano e na África do Sul. Talvez sua iniciativa principal tenha sido se envolver com os protestos contínuos contra a invasão da Etiópia pela Itália, ainda que ela também se engajasse nos protestos contra as

demandas alemãs por uma nova partilha das colônias africanas. Em síntese, a ITUCNW não alterou sua política relativa ao colonialismo das grandes potências europeias, ao mesmo tempo, reconhecia a ameaça crescente do fascismo e da guerra, e se mobilizava contra isto. É, por exemplo, notável que, na França, a *Union des Travailleurs Nègre*, filiada à ITUCNW, tenha adotado uma posição crítica em relação à política colonial do governo da Frente Popular, enquanto, ao mesmo tempo, o PCF apoiava a existência deste mesmo governo.

Selim Nadi: *O que era o Comité de Défense de la Race Nègre (CDRN), criado em 1926, e por que era importante que este comitê enfatizasse sua independência face ao Partido Comunista Francês (PCF)? Como a política do PCF evoluiu em relação à “Questão Negra”? Quais eram as diferenças entre o PCF e o Partido Comunista da Grã-Bretanha (CPGB, sigla em inglês) sobre esta questão, no período entre as duas guerras?*

Hakim Adi: O CDRN foi formado em 1926 e mantinha relação, por vezes mais vacilante ou mais estreita, com o PCF. Foi fundado por Lamine Senghor e outros militantes, por causa das insatisfações deles com o que consideravam como uma posição hesitante do PCF sobre a “Questão Negra”. O que é significativo é que as primeiras lideranças do CDRN mantinham seu apoio à Comintern e suas políticas, mas lamentavam o fato de elas não estavam sendo adequadamente implementadas pelo PCF. Outro ponto importante é que se tratava de uma organização panafricana que integrava as lideranças da África e das Antilhas. Ela não era hostil à doutrina comunista, mas tentava manter sua independência organizacional. É provável que esta posição tenha influenciado o crescimento de seu número de membros, mas, na maior parte de sua existência, o CDRN permaneceu financeiramente dependente do PCF e era visto como uma organização comunista pela polícia. Na prática, o CDRN consegue combinar elementos do marxismo com diversas formas de panafricanismo e esta posição foi mantida pela sua sucessora, a *Ligue de Défense de la Race Nègre* (LDRN), fundada em 1927.

De maneira geral, podemos dizer que as organizações que se dedicaram à “Questão Negra”, eram organizações como o CDRN, a LDRN e mais tarde a *Union des Travailleurs Nègres*. Nestas organizações, os comunistas da África e das Antilhas desempenharam um papel primordial. Estas organizações eram filiadas à ITUCNW e até financiadas por ela, em certos aspectos, no início dos anos de 1930, e tornaram-se o principal instrumento para que a Comintern exercesse sua influência nas colônias francesas, especialmente na África. O PCF tentou organizar as vítimas do colonialismo por meio dessas organizações, mas com sucesso limitado até 1934. Qualquer que tenha sido o sucesso por ele alcançado até esse momento, ocorreu na medida em que o partido conseguiu controlar suas finanças. Seja como for, essas organizações foram ativas e tinham suas próprias publicações, difundidas até nas colônias. No entanto, durante este período, o PCF foi criticado por sua incapacidade de realizar avanços substanciais em relação à “Questão Negra”, mais notoriamente quando ocorreu uma grande revolta no Congo em 1928.

Na Grã-Bretanha, por outro lado, a organização anticolonial estava majoritariamente sob controle da *League Against Imperialism* (LAI, sigla em inglês), certamente em conexão com a África e o Caribe, e sua filiada, a *Negro Welfare Association* (NWA, sigla em inglês), que foi formada em 1931. A NWA tinha um secretário oriundo da Ilha de Barbados, Arnold Ward, mas era dirigida politicamente por comunistas ingleses que geraram alguns problemas organizacionais. Só no final dos anos de 1930, o CPGB passou a contar com dirigentes africanos e caribenhos de confiança e, assim sendo, sob muitos aspectos, seu trabalho foi mais fraco que o do PCF. Ele tinha algumas responsabilidades sobre o partido sul africano, mas seu papel a este respeito era igualmente ineficaz. O grosso da organização política nas colônias britânicas da África e do Caribe era, portanto, realizado pela ITUCNW, associada à LAI e à NWA. O Partido Comunista Britânico era, então, também muito criticado por sua inatividade.

Selim Nadi: *Por que a ITUCNW foi dissolvida? Como a “Questão Negra” evoluiu no seio da Comintern depois de sua dissolução?*

Hakim Adi: A ITUCNW foi dissolvida em 1937, após longas discussões e deliberações. A razão principal disto era a maior ênfase colocada sobre os partidos comunistas individualmente para que dessem suporte às políticas relacionadas à “Questão Negra”, mas igualmente em parte porque a maneira como a ITUCNW tinha se estabelecido, com recursos limitados e um foco restrito no sindicalismo, não fazia dela uma organização eficaz nas novas condições do final dos anos de 1930. Considerava-se também que a orientação panafricana não era capaz de encorajar a luta nas diversas regiões e países. A ISV foi dissolvida no mesmo período e a Comintern em 1943, durante a Segunda Guerra mundial.

No período que precedeu o advento da guerra, a preocupação principal da Comintern era a oposição ao fascismo e às preparações da guerra, mas seu interesse pela “Questão Negra” perdurou em alguns países de maneira notória. Na Grã-Bretanha, houve uma eclosão de iniciativas realizadas tanto pela NWA, filiada à ITUCNW, quanto pelo CPGB. Nos Estados Unidos, o trabalho progrediu com o *National Negro Congresses* e com organizações como o *Council on African Affairs*, dirigido por Paul Robeson e outros. Mesmo na França, durante o período do governo da Frente Popular, houve avanços para o movimento comunista no Caribe, a legalização de sindicatos nas colônias africanas e a emergência de uma organização comunista no Senegal. De fato, a influência do comunismo progrediu na África e no Caribe nessa época, como o demonstram as trajetórias de Robeson e de Césaire.